

relação ao observador); à direita, no campo: PROCLAMADA — EM — 5 — DE — OUTUBRO — DE — 1910.

Prata. Três exemplares, sendo um simples, outro dourado, e outro com uma moldura ornamental.

N.º 116. — 1911. — Congresso do Turismo (isto é, do «Excursionismo»). Botão emblemático dos congressistas: na frente, IV — C · I · T¹. — LISBOA — MCMXI (Letras brancas em campo verde); na chapa do pé: *Medalhas — e — emblemas — João Anjos — Lisboa — R. (de) S. Roque, 121-123.*

Nesta lista foi meu principal intuito dizer apenas o essencial para se poderem reconhecer facilmente as medalhas que os meus alunos estudaram nas aulas, e que existem na Biblioteca.

J. L. DE V.

«Mâmoas» de Albergaria-a-Velha

Um dólmen consta duma parte architectónica (câmara e corredor) e dum atêrro (*tumulus*), que em algumas regiões nossas tem o nome de *mâmoa*². Deve entender-se que êste nome é antigo, e que se conservou na tradição, em geral sem sentido, e só como designação locativa³.

Junto de Albergaria-a-Velha há dois sítios chamados respectivamente *Mâmoa das Arrotas* e *Mâmoas do Taco*.

O meu ilustrado amigo o Sr. Patrício Teodoro Álvares Ferreira, notando com razão que tais nomes deviam designar monumentos prehistóricos, verificou que em verdade havia nos sítios uns montículos de terra muito antigos, e convidou-me para lá ir vê-los, o que fiz em começos de Setembro de 1911. Para aqui transcrevo do meu canhenho arqueológico a descrição sumária do que em companhia dêle observei.

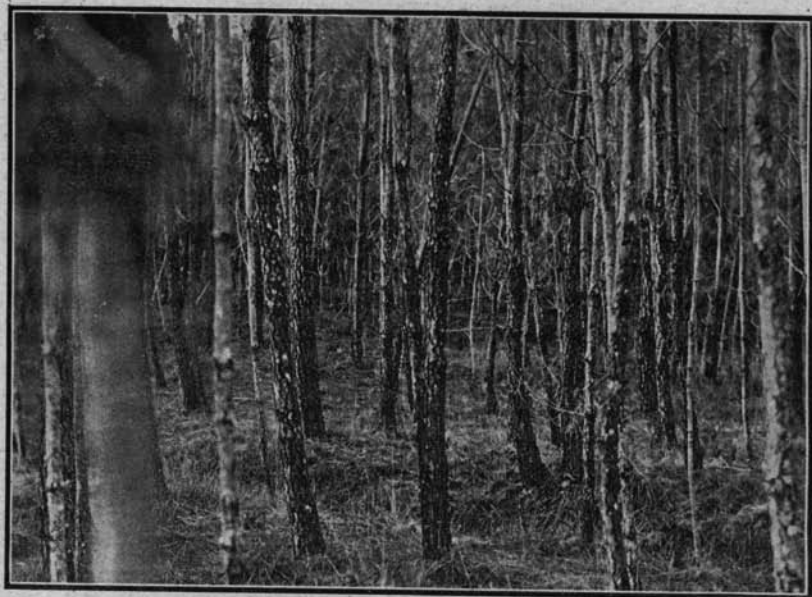
¹ *C(ongresso) I(nternacional) (do) T(urismo).*

² Palavra esdrúxula. Do latim *mammula*, diminutivo de *mamma*, por ter sido comparado o atêrro a uma *mama*. Na topografia há outras palavras com origem em metáforas tiradas do corpo dos animais, v. g. *cabêço, cêrro, costa*: vide sôbre o assunto as minhas *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa 1911, pág. 259 e 470.

³ Vide, sobre o assunto, *Religiões da Lusitânia*, 1, 249 sgs.

I. Mãmoa das Arrotas

Fica dentro de um pinhal, ao sul e na frêguesia de Albergaria, da qual dista cêrca de 1 quilómetro,—à direita da estrada de macadame que vai do Pôrto a Lisboa, nas proximidades da povoação de



Mãmoa das Arrotas

Açôres. É pouco elevada, mas de grande diâmetro. No centro há uma excavação pouco profunda, que corresponde ao lugar em que outrora esteve a câmara. Nenhuma pedra resta.

II. Mãmoas do Taco

São em número de três. Ficam na frêguesia e ao sul de Albergaria, distantes das últimas casas da vila cêrca de 1 quilómetro.

A 1.^a é pouco alta, mas de grande diâmetro. Nenhuma pedra.—Muitas *louras* de coelhos.

A 2.^a dista uns decâmetros desta para Norte. Nas mesmas circunstâncias da anterior.

À mesma distância, *plus minús*, fica a 3.^a, que é como as outras. A circunferência dela orça por uns 110 metros; a altura por uns 3 metros.

Todas estão dentro de um pinhal, que o povo chama «das mãmoas». O sítio é nu de pedras; só por aí se vêem alguns seixos e xisto.

Os esteios dos dólmens ou desapareceram, ou jazem enterrados muito fundo.

Na figura junta dou a grávura de uma delas, segundo a fotografia que o Sr. Patrício Álvares Ferreira me enviou.

*

Apesar da modéstia da presente noticia, ella constitue o mais antigo capítulo da história de Albergaria-a-Velha.

J. L. DE V.

A vila e concelho de Ferreira do Zézere

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xvi, 51)

VII

Dornes e o seu termo no século XVII

Num dos capítulos antecedentes vimos como a comenda de Dornes era comenda-mor de Cristo. Mas antes de proseguirmos e entrarmos propriamente no séc. XVII convém deixar consignado um facto curioso.

No Atlas de Abraão Ortélio, publicado em Antuérpia em 1570, contendo, entre outros, um mapa de Portugal feito por Fernando Álvares Sêco em 1560, com intervenção do célebre humanista português Aquiles Estácio, encontra-se o Rio Zézere e entre os lugares das suas margens Arega, a que chama *Adrega*, Beco, Dornes e Vila de Rei¹.

Para os nossos leitores não representa o facto a novidade da existência das povoações acima indicadas meado o séc. XVI, pois, como vimos já, são muito anteriores, mas apenas o interesse de saber o Beco e Dornes figurando num atlas daquela época.

A comenda-mor de Dornes foi tombada em 1607 e à sua frente estava então D. Afonso de Alencastre, a quem sucedeu, em 22 de Outubro de 1621, seu filho, do mesmo nome, ao qual El-rei Filipe III concedeu permissão de confirmar nas vilas de Ega e Dornes os juizes e officiais cada ano², e depois dêle, em 15 de Janeiro de 1626, o marquês de Castelo Rodrigo. Em 1631 era a comenda avaliada em 265,000 réis por ano.

Como se sabe, a revolução de 1 de Dezembro de 1640 veio tirar o nosso país do domínio castelhano, entregando-o à Casa de Bragança que, na pessoa de El-rei D. João IV, lhe sucedeu. Este so-

¹ *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Lial, vol. xii, p. 2185.

² *Chancelaria de D. Filipe III*, liv. xxxviii, fl. 211 v.